



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ**  
**DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - DPPG**

**MARIA APARECIDA SANTOS DA SILVA**

**INFÂNCIA E LITERATURA INFANTIL: UMA RELAÇÃO  
HISTÓRICO-SOCIAL**

Orientador: Anelise Monteiro do Nascimento

MESQUITA  
2009



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ  
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – DPPG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “DESAFIOS DO TRABALHO COTIDIANO: A  
EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 0 A 10 ANOS”

**INFÂNCIA E LITERATURA INFANTIL: UMA RELAÇÃO  
HISTÓRICO-SOCIAL**

MARIA APARECIDA SANTOS DA SILVA

Trabalho Final de Curso proposto pela aluna Maria Aparecida Santos da Silva sob a orientação da professora Anelise Monteiro do Nascimento, como requisito parcial para obtenção de aprovação no Curso de Pós-graduação Lato Sensu, Desafios do Trabalho Cotidiano: A educação de crianças de 0 a 10 anos de idade.

MESQUITA  
2009

372.64  
S586i

Silva, Maria Aparecida Santos da, 1960-  
Infância e literatura infantil: uma  
relação histórico-social/ Silva, Maria  
Aparecida Santos da. - 2009.  
40 f.

Orientadora: Anelise Monteiro do  
Nascimento.

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Especialização em "desafios do trabalho  
cotidiano: a educação das crianças de 0 a 10  
anos") - Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro. Instituto Multidisciplinar.

Bibliografia: f. 39-40.

1. Leitura - Apreciação. 2. Incentivo a  
leitura. 3. Livros e leitura. 4. Literatura  
Infanto-juvenil - Estudo e ensino. I.  
Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro. Instituto Multidisciplinar. Curso  
de especialização em "desafios do trabalho  
cotidiano: a educação das crianças de 0 a 10  
anos". II. Nascimento, Anelise Monteiro do,  
1974-. III. Título.

MARIA APARECIDA SANTOS DA SILVA

**INFÂNCIA E LITERATURA INFANTIL: UMA RELAÇÃO  
HISTÓRICO-SOCIAL**

Banca Examinadora

.....  
Prof.<sup>a</sup> Anelise Monteiro do Nascimento

.....  
Prof. Carlos Roberto de Carvalho

.....  
Prof. Renato Nogueira dos S. Júnior

### **Dedicatória**

Dedico à minha saudosa e querida mãe, “In Memoriam”, mulher generosa, dedicou sua vida a apoiar e incentivar seus filhos.

Aos meus queridos filhos: Weiller Rodrigo e Ingrid Heloisa, motivos de minha persistência.

À Cabral de Aquino e Silva, “In Memoriam”, (foi incansável em sua busca pelo Conhecimento).

### **Agradecimentos**

Em primeiro lugar à Deus, pelas bênçãos concedidas.

Com especial carinho à minha Professora e Orientadora Anelise Monteiro do Nascimento, pela cooperação, solidariedade e atenção com que trata todas as suas alunas.

E a todas as colegas que de alguma forma contribuíram com o desenvolvimento deste trabalho.

## **Epígrafe**

“Ah! tu, livro despretensioso, que, na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda... tu, sim, és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade, imortal.

Pois não basta um pouco de atenção dada a uma leitura para revelar uma preferência ou uma aprovação. É preciso que a criança viva a sua influência, fique carregando para sempre, através da vida, essa paisagem, essa música, esse descobrimento, essa comunicação.”

Cecília Meireles

## **RESUMO**

O presente trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, procurando destacar a estreita relação entre o surgimento da concepção de infância, as idéias pedagógicas e a origem da literatura infantil. Pretendeu-se evidenciar a evolução e a valorização dos livros infantis ao longo do tempo, como uma produção cultural. Onde os contos clássicos e os textos contemporâneos exercem um importante papel na construção do conhecimento, da comunicação oral, da criatividade, do enriquecimento da sensibilidade, do despertar do lúdico e da imaginação da criança. Procurou-se ainda, ratificar a importância do contato da criança com os livros e os inúmeros projetos que priorizam a literatura infantil como uma forma prazerosa e criativa de estímulo à leitura e a formação do leitor.

Palavras-chave: infância, literatura infantil, criança



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	08
1 - BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO .....	11
2 – A CRIANÇA E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE INFÂNCIA .....	25
2.1 – Criança: produtora de cultura – uma ideia contemporânea .....	29
3 - PROMOÇÃO E VALORIZAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA .....	32
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

## INTRODUÇÃO

Os primeiros indícios do delinear de uma concepção de infância surgem segundo Áries, no século XVII, quando muda a inserção e o papel social da criança. Conceito de infância determinado historicamente pelas transformações e forma de organização da sociedade. Nessa perspectiva renovadora, a criança é descoberta como um ser necessitado de cuidados específicos, a fim de desenvolver uma formação humanística, cívica, espiritual, ética e intelectual.

Entre os novos papéis associados a identidade infantil, na destaca-se o de aprendiz, o que antes era ensinado individualmente às crianças burguesas através de preceptores ou no convívio familiar, passa a ser ensinado em espaços sociais denominados escolas. As novas percepções de vida, de relações sociais e culturais, como também as novas idéias pedagógicas ou educacionais, abrem caminhos para iniciantes e inéditos procedimentos pedagógicos e literários. A partir daí, decorrendo da ascensão da família burguesa, do novo papel concedido à infância e da reorganização da escola, inicia-se também, a preocupação com a literatura que serviria para sua formação e informação de um modo geral. Sendo assim, gradativamente, a literatura infantil começa a criar forma, impulsionada pelas teorias educacionais, passando a ser uma literatura muito utilizada no âmbito escolar, como auxiliar na transmissão de valores e comportamentos idealizados. Benjamin (1984) relata como na época do Iluminismo, os filantropos por meio de programas humanitários de formação, interferiram na produção do livro infantil com narrativa moralista e edificante, visando influenciar o desenvolvimento e a formação moral da criança.

Por causa desse estreito vínculo com a área educacional, por muito tempo a literatura infantil foi considerada como um gênero secundário, desvalorizada e transmissora das ideologias das classes dominantes; não sendo valorizada como uma obra de arte literária. Na opinião de Marisa Lajolo,

“É possível considerar, por exemplo, que a literatura infantil mais antiga era conservadora, porque inculcava comportamentos e atitudes de passividade nas crianças, preconizava obediência aos pais e submissão aos mestres. Mas a partir de tais considerações sugerir que tal literatura seja pernicioso porque a criança não é, por natureza, nem passiva, nem obediente, nem submissa, é erro grave, pois supõe *que as crianças sejam por natureza alguma coisa.*”( 1994, p. 27)

Ainda hoje, as conclusões e interpretações dos estudos realizados sobre as obras literárias destinadas ao leitor infantil são geradoras de percepções e ideias divergentes. No entanto, sabe-se que nenhuma forma de arte é neutra, porém, o presente trabalho busca pesquisar a relação e a evolução histórico-social entre o surgimento da concepção de infância e a origem de uma literatura destinada à ela. Pretendendo ainda, evidenciar a estreita relação entre o surgimento das ideias pedagógicas, infância e literatura; e enfatizar a importância da valorização e utilização dos vários gêneros textuais (na perspectiva, é claro, de se observar e priorizar a qualidade destes textos) destinados à criança tanto no contexto escolar, quanto nos diversos espaços sociais. Tendo como norte questões como: no passado a literatura infantil só era utilizada como fonte de advertência e formação moral, e nos dias atuais? Qual é a importância atribuída aos livros destinados às crianças, na contemporaneidade? Eles realmente favorecem a formação do leitor? Como a relação e a interação da criança com a literatura, poderá contribuir para o seu desenvolvimento, nos aspectos: social, afetivo e criativo?

Segundo Coelho (1987), “a literatura infantil é uma linguagem específica que expressa determinada experiência humana, sendo de grande valor na prática educativa, por favorecer o contato com o ser humano em seu momento de imaginação” (p.19).

O estudo deste tema é relevante na medida em que, na atualidade, a literatura infantil inspira vários projetos de leitura, como uma ferramenta na formação do leitor crítico e reflexivo. Além de apresentar-se como um excelente recurso pedagógico, tanto na Educação Infantil quanto nos anos iniciais do Ensino Fundamental, haja vista, todo leque de possibilidades que podem ser desenvolvidas em atividades que favoreçam o despertar do lúdico e da criatividade, como também, auxiliar do processo de aquisição da leitura e da escrita.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, entre suas várias orientações, sugerem que:

"(...) os professores deverão organizar a sua prática de forma a promover em seus alunos: o interesse pela leitura de histórias; a familiaridade com a escrita por meio da participação em situações de contato cotidiano com livros, revistas, histórias em quadrinhos; escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor; escolher os livros para ler e apreciar. Isto se fará possível trabalhando conteúdos que privilegiem a participação dos alunos em situações de leitura de diferentes gêneros feita pelos adultos, como contos, poemas, parlendas, trava-línguas, etc. propiciar momentos de reconto de histórias conhecidas com aproximação às características da história original no que se refere à descrição de personagens, cenários e objetos, com ou sem a ajuda do professor". (1998, vol. 3, p. 117-159)

A metodologia do trabalho será desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica, na qual serão consultados livros, revistas, artigos e sites da Internet especializados em educação e literatura, além do diálogo com autores que abordam significativamente o tema escolhido. Entre eles: Manuel Sarmiento & Pinto; Neill Postman; Philippe Ariès; Sonia Kramer, referindo-se às ideias de concepção de infância. E sobre os aspectos do surgimento das ideias pedagógicas e da literatura infantil: Lígia Cademartori; Marisa Lajolo; Nazira Salem; Nelly Coelho; Regina Zilberman; entre outros que serviram como base teórica para o desenvolvimento do referido trabalho monográfico.

“A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase das canções, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. Tudo que lemos nos marca.” (Marisa Lajolo, 2001, p. 44,45)

## **1 – BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO**

Foi entre os séculos IX e X que, em terras europeias, deu-se o início da circulação oral da literatura popular, originária das narrativas orientais. Séculos depois seria transformada na literatura atual conhecida como literatura folclórica e também como literatura infantil. Portanto, a vasta herança literária dos tempos mais remotos, transmitida de geração para geração, de memória em memória e de boca em boca, passa a ser adaptada e transformada em literatura destinada ao público infantil, ou seja, essa Literatura Tradicional ou Oral, composta por lendas, provérbios, representações dramáticas, parlendas, trava-línguas, e histórias contadas, passam de literatura oral para literatura escrita, transformando-se em registro folclórico.

De acordo com Nelly Coelho,

“Verifica-se que as versões folclóricas de certas narrativas apresentam inúmeras variantes (dependendo das regiões onde se arraigaram); enquanto as versões infantis reproduzem-se praticamente inalteradas, nas várias edições que se sucedem. É a mobilidade da vida (resultante da transmissão oral) contraposta à fixidez do texto literário, determinada pela escrita” (1991, p.13)

As narrativas passam a sofrer transformações pelo passar do tempo e pela sociedade, mas cumprem a função de facilitadoras das relações humanas. Tornando-se um fator de união entre os povos e os séculos.

“[...] a literatura oral ou escrita é um caminho de comunicação humana desde a infância que, vencendo o tempo e as distâncias, nos permite uma identidade de formação. Por essa comunhão de histórias que é uma comunhão de ensinamentos, de estilos de pensar, moralizar e viver, o mundo parece tornar-se fácil, permeável a uma sociabilidade que tanto se discute”. (Meireles, 1984, p. 77)

A partir do século XVII, percebe-se a necessidade de realizar estudos sobre a criança e sua aprendizagem, ou seja, como ela deveria aprender. Antes deste período, a criança participava junto com o adulto de tradições populares tais como escutar as narrativas dos contadores de histórias. A criança da nobreza ouvia trechos de clássicos; a criança da aldeia ouvia histórias, lendas, e a literatura oral que circulava no meio do povo. Assim as crenças no fantástico, anões, bruxas e personificações variadas faziam parte deste contexto, portanto, não existia uma literatura específica para o meio infantil. No entanto, a partir da segunda metade do referido século, quando a criança passa a ser considerada como ser frágil, necessitado de cuidados especiais e distanciada

do mundo dos adultos, surge juntamente com as preocupações da escola, o desenvolvimento de uma literatura mais próxima da nova condição da criança.

Porém Nelly Coelho esclarece que,

“[...] Vista dentro do panorama geral das idéias e correntes que caracterizam o século XVII, tal literatura torna-se perfeitamente justificada. (...) Não há nada, nessa produção, que seja gratuito ou tenha surgido como puro entretenimento sem importância, como muitos vêem a Literatura Infantil em geral.” ( 1991, p.76)

As novas perspectivas e concepções de vida, relações sociais, culturais e educacionais, possibilitam o início de novos procedimentos tanto na área pedagógicas quanto na literária. Assim, nos primórdios dessa percepção surge também a preocupação com a literatura que serviria de leitura para a criança, como fonte de informação, formação de sua mente e de sua personalidade. O desenvolvimento da obra literária para crianças, deu-se praticamente ao lado das teorias educacionais, ou seja, quando se examinam os sistemas educacionais dos povos, o surgimento da psicologia e da pedagogia, chega-se praticamente à origem do desenvolvimento da literatura infantil.

Os primeiros e mais influentes educadores preocupados com as questões referentes à aprendizagem e a educação da criança, no período medieval, foram Comenius e Locke.

Comenius (João Amós Comênio, (1592-1670), pastor e bispo dos morávios, foi o mais importante pensador educacional da época. Escreveu *Didáctica Magna*, em 1632, onde expôs os princípios da educação intuitiva. Nesta obra, tratou de muitos assuntos, entre eles a finalidade da educação “felicidade eterna com Deus, em consonância com a natureza; o conteúdo da educação ensinar tudo a todos (pansofia); o método indutivo de acordo com a natureza. Ele ainda propôs o ensino direto, prático, sistemático e começando do mais simples; e a organização das escolas.

De acordo com Salem (1970), “para Comenius, a instrução devia se ocupar com matéria, que, pelo menos em sua forma elementar, estivesse dentro da experiência da criança”. (p.25)

O filósofo e educador inglês John Lock (1631 – 1704), reuniu vários ensinamentos sobre aprendizagem e desenvolvimento. Defendia a liberdade individual, e o desenvolvimento de um pensamento próprio pela criança. Para Lock, a formação intelectual e moral do aluno, dependia do trabalho das pessoas que o educam, pais e professores, encarregados de dar o exemplo de como pensar e se comportar, mostrando assim, como agir adequadamente. Escreveu em 1693, *Pensamentos concernentes à Educação*, onde tratava principalmente da criança, da qual a educação deveria visar três aspectos: o físico, o moral e o intelectual, com o objetivo principal da

formação do caráter. Para ele, o aprendizado deveria ser feito por meio de atividades, e o professor deveria observar as características emocionais do aluno para submetê-lo a diferentes métodos de aprendizagem.

Nesta época, observa-se que autores – hoje ainda consagrados - começam a adaptar obras escritas para adultos, em versões infantis, entre eles podemos citar: Jean La Fontaine (1621 – 1692), francês, autor de variados gêneros de textos, mas, torna-se imortalizado com uma forma literária popular: a fábula. *As Fábulas de La Fontaine* (1668), resistem ao tempo, no entanto a interpretação atual dessas fábulas - pois geralmente visam o comportamento social do homem - certamente não será a mesma de quando foram escritas. Algumas obras desse gênero literário escritas por La Fontaine, são: *O Lobo e o Cordeiro; A Raposa e o Esquilo; A Corte do Leão; O Leão e o Rato, entre outras.*

Marie D'Aulnoy publica: *Contos de Fadas* (8vol. – 1696/1698), narrativas de estórias que ficaram famosas como: *A Princesa dos Cabelos de Ouro* e o *O Ramo de Ouro*.

Um autor considerado importante foi Fénelon - François de Salignac de la Mothe (1651-1715), autor influente tanto na literatura destinada ao leitor infantil, quanto na área das idéias pedagógicas, muito parecidas com as idéias educacionais do pensador Comenius – *Didáctica Magna* (1657). Para Fénelon, a literatura deveria ajudar a formar o caráter do aluno, porém, de forma interessante e despercebida. Sua obra mais conhecida é a novela pedagógica: *As Aventuras de Telêmaco* (1695-1699), obra composta por dezoito livros, cujo objetivo seria a educação moral e política. *As Aventuras de Telêmaco*, alcançaram grande sucesso entre adultos e crianças, obteve até por volta de 1830 oitenta traduções.

Charles Perrault (1628-1703), começou a adaptar contos para crianças em 1694 com a obra intitulada *A Pele de Asno*. Apresentou em 1697, uma coletânea de contos folclóricos, intitulados *Histórias e Contos do Passado*, no entanto, seus contos não foram consagrados imediatamente, só em fins do século XIX.

“Questões relativas à obra de Charles Perrault, frequentemente apontado como o iniciador da literatura infantil, vinculam-se a pontos básicos da questão da natureza da literatura infantil como, por exemplo, a preocupação com o didático e a relação com o popular. (Cademartori, p. 34)

A intenção dos Contos de Perrault era a de divertir e orientar a formação moral infantil. Segundo a autora e pesquisadora da literatura infanto/juvenil Nelly Coelho, a obra de Perrault passou ao longo de trezentos anos de existência, por uma série de estudos e análises, no entanto,

são várias e diferentes as interpretações e conclusões apresentadas, isto porque, “Tudo depende do ponto de partida escolhido pelo estudioso e as correlações que ele possa estabelecer,(...) entre o *universo literário* em questão e o elenco de *valores aferidores*.” (COELHO, 1991 p.92)

Algumas das obras de Perrault, são: os *Contos da Mãe Gansa; O Gato de Botas; A Gata Borralheira; O Pequeno Polegar; Chapeuzinho Vermelho; O Barba Azul e A Bela Adormecida no Bosque*.

Chegando ao século XVIII, verifica-se que a literatura destinada ao público infantil começa a delinear-se, desenvolvendo-se sempre ao lado e junto com as teorias educacionais. De acordo com Lígia Cadermatori,

“A educação formal voltou-se à literatura infantil despertada por interesses mais imediatos. Sendo inegável o abalo do ensino da língua portuguesa, a literatura infantil passou a ser vista como instrumento de uma possível expansão do escasso domínio, lingüístico dos alunos [...]”. (2007, p.19)

Os livros escritos, na sua maioria, tinham ainda por objetivo transmitir lições de caráter moral e de bons costumes. Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), foi um teórico de grande influência deste século. Na obra *Emilio, ou Da Educação*, Rousseau expõe sua doutrina e suas concepções a respeito do desenvolvimento e da educação na infância, descrevendo a educação dada a uma criança, retirada do convívio familiar, escolar e social, para ser educada por um professor, que a educa respeitando as diferentes fases do seu desenvolvimento, seguindo o ritmo da natureza da criança e do seu crescimento. Segundo Piletti; Piletti, o desenvolvimento educacional do século XIX, tem por base a doutrina de Rousseau. Com ele, começou a intensificar-se a psicologia na educação; a visão da educação a partir da criança, da sua natureza, dos seus instintos, capacidades e tendências. Para esses autores,

“Rousseau foi praticamente o primeiro a considerar a criança enquanto tal, com sentimentos, desejos e idéias próprios, diferentes das do adulto. Foi o precursor da psicologia do desenvolvimento, ao dar atenção às diversas fases do desenvolvimento da criança e ao defender uma educação diferente para cada fase, cujo processo seria determinado pela natureza da criança e do seu crescimento. (1997, p. 92)

Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), influenciado pelas idéias de Rousseau, escreveu as obras: *Leonardo e Gertrudes* e *Como Gertrudes ensina seus filhos*. Na primeira obra, são descritas as mudanças na vida das pessoas de uma aldeia, através de ações educativas de uma mulher simples e inteligente.



Na segunda obra, Pestalozzi procura determinar que conhecimentos e habilidades práticas eram necessários para a criança e como deveriam ser ensinados. Para ele a educação consistia em respeitar a natureza da criança, promover seu pleno desenvolvimento moral, mental e físico.

No que diz respeito à literatura deste período, deve-se destacar que até fins do século XVIII, os contos de fadas eram as histórias preferidas dos leitores e ouvintes. Faziam sucesso tanto entre a nobreza quanto entre os trabalhadores.

“[...] por mais que os homens transformem o mundo em que vivem com sua inteligência e trabalho, sua natureza humana não muda. Nela se misturam as ‘paixões da alma’ (amor, ódio, amizade, medo, vontade de poder, ideais, desejos, inveja, ciúmes, solidariedade, fraternidade, etc.), e as “necessidades básicas” do ser humano (ar para respirar, alimento para matar a fome e proteção para o corpo). Tanto as ‘paixões’ quanto as ‘necessidades básicas’, são a matéria-prima dos contos de fadas e de todos os livros que venceram o tempo e através de milênios ou séculos continuam a interessar os leitores e ouvintes.” (Coelho, 1987, p.290)

No entanto, entre 1785 e 1789 a publicação da Coleção de contos de fadas, cujo título *Gabinete de Fadas*, formada por quarenta e um volumes escritos por vários autores, é considerada uma das últimas publicações literárias desse tempo, sendo assim, as fadas deixam de fazer sucesso, porém elas não deixaram de fazer parte das histórias transmitidas oralmente e dos livros infantis, cujos acervos foram inicialmente compostos pelos clássicos e pelos contos de fadas, sendo estes últimos, considerados durante longo tempo, mais apropriados à formação da literatura destinada à infância, por trazerem em seu contexto o encantamento que auxilia a personagem dessas histórias a vencer as dificuldades e limitações de tempo e espaço, permitindo uma representação característica das particularidades que envolvem o universo infantil. Os contos de fadas são narrativas simbólicas e simples, porém são capazes de transmitir experiências subjetivas complexas e vivências emocionais, neles estão presentes o herói e a heroína os quais apresentam sempre uma luta entre o bem e o mal. A luta é sempre difícil, no entanto, no final faz-se justiça encontra-se a paz, a harmonia, e o bem e o bom sempre vencem. Nesse sentido, segundo alguns autores (Abramovich, Lajolo, Bettelheim) as histórias são um estímulo encorajador nas dificuldades da vida e na relação com o outro e consigo próprio. Contudo, esse tipo de narrativa foi motivo de vários estudos e discussões em torno de sua adequação e validade, e da sua transmissão dos valores burgueses. Segundo Soriano, (1995, p.188) “Os chamados contos de fadas, por exemplo, têm dado muito o que falar, o que pensar e o que escrever”.

Há quem faça críticas desfavoráveis sobre este gênero literário, alegando que ele transmite as ideologias das classes dominantes, não favorece o pensamento crítico do leitor, entre outras.

Alguns estudos psicanalíticos realizados no Brasil no período de 1932 a 1964, pela estudiosa brasileira Ofélia Boisson Cardoso, concluíram ser os contos de fada prejudiciais para o desenvolvimento emocional da criança. Contudo, há quem considere encantadoras essas narrativas, argumentando que elas atuam na formação e no desenvolvimento do psiquismo humano. Na década de 70 ocorreu uma revitalização dos contos de fada, quando o estudioso Bruno Bettelheim, enfatizou a importância dessas narrativas.

“O prazer que experimentamos quando nos permitimos ser suscetíveis a um conto de fadas, o encantamento que sentimos não vêm do significado psicológico de um conto (embora isto contribua para tal) mas das suas qualidades literárias – o próprio conto como uma obra de arte. O conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte.” (Bettelheim, 1992, p.20)

Ao longo do tempo vários artistas e mesmo autores, procuraram inspiração nestes tipos de textos, porque mesmo considerados arcaicos não deixam de ser atuais, por mostrarem por meio de seus personagens as manifestações apresentadas pela sociedade contemporânea como: a raiva, a inveja, a mentira, o amor, a generosidade e outros sentimentos que fazem parte do viver humano. Autores como Fanny Abramovich (2004) e Cademartori (2007), acreditam que as histórias apresentam-se com possibilidades de favorecer a integração psicológica da criança, onde ela pode aprender a conviver com naturalidade com fortes elementos do inconsciente do outro e do seu próprio inconsciente. Ao ouvirem (ou lerem) esses contos, estará formando as leituras do mundo que as ajudarão nos caminhos a serem trilhados na vida. E ainda, os contos clássicos ou populares, possibilitam a identificação e uma prospecção, isto é, reestruturação de novas possibilidades de releituras. Que as crianças ouçam muitas histórias todos concordam ser relevante na fase infantil, no entanto, contar história não é tão simples como se imagina, pois prender a atenção do ouvinte requer alguns cuidados e técnicas. Em primeiro lugar escolher bons títulos de qualidade literária; produzir uma narrativa agradável, interessante, que desperte a fantasia e a imaginação; contar a história de maneira espontânea; priorizar a relação entre quem conta e quem ouve; evitar monólogo; estabelecer diálogos; movimentar-se de maneira a permitir à criança a construção do personagem no seu imaginário; valorizar as expressões faciais e gestuais; mostrar as ilustrações; existe essas e muitas outras maneiras de favorecer a interação entre ouvinte e narrador, ouvinte e texto. Os acessórios como fantoche, avental, dobradura, maquete, ou marionete, por exemplo, são excelentes alternativas para o alcance dos objetivos do contador de histórias.

Para as crianças as histórias podem ser a união do mundo real com o mundo imaginário, dando ênfase principalmente ao fenômeno do pensar, do sentir, e do querer em sua subjetividade. “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...” (Abramovich, 2004, p. 89)

Iniciando-se o século XIX, considerado o século onde a criança assume maior visibilidade, inicia-se o respeito e a preocupação com as necessidades e o desenvolvimento da criança, ela passa a ser objeto de atenção das ciências entre elas a psicologia, sociologia e a educação. Nesta época também a literatura infantil, passa a se desenvolver de forma mais evidente.

Na área das tendências educacionais, pode-se destacar neste período, vários educadores, como John Frederick Herbart (1776-1841), que aprofundou as propostas de Pestalozzi, com uma visão mais teórica. Para Herbart, a educação só é possível quando consegue despertar o interesse do aluno pelas disciplinas escolares, cuja seleção dos conteúdos e a utilização dos métodos, devem estar adequados ao desenvolvimento psicológico do aluno. Baseados em sua doutrina, surgiram estudos e métodos de instrução escola, combinando a literatura com a história. Com ele acentuou-se a valorização infantil. Também dentro do contexto da valorização da infância, não se pode deixar de citar Friedrich Froebel (1782-1852), educador alemão, fundou em 1837, o primeiro jardim de infância. Instituição adotada pela maioria dos países. O nome Jardim de Infância reflete o pensamento de Froebel quanto a comparação da criança com a planta, pois na sua formação ambas necessitam de cuidados especiais para crescerem saudáveis. O objetivo das atividades dos jardins de infância, seria promover brincadeiras e jogos criativos dando oportunidades à criança de aprender de maneira lúdica e desenvolver a criatividade. Brinquedos cantados, histórias, artes plásticas, desenho, recorte e colagem, construção, observação da natureza e horticultura, fazem parte das atividades espontâneas e construtivas.

Para o educador, a educação deveria ser espontânea, deixando a criança livre para expressar seu interior e seguir seus interesses, quanto mais ativa for sua mente, mais receptiva ela será aos novos conhecimentos. O conceito de auto-educação, difundido no início do século vinte, já havia sido mencionado por Froebel, que considerava a educação infantil, de grande importância na formação da criança.

“A grande contribuição de Froebel à educação reside em seus estudos e aplicações práticas acerca dos jardins de infância, [...] Froebel dedicou os últimos vinte anos de sua vida à atuação junto a jardins de infância e à propaganda a respeito da importância da

educação durante os primeiros anos da vida infantil”. (Claudino Piletti; Nelson Piletti, 1997, P. 104)

Acompanhando as idéias educacionais desses pensadores, foram escritas ou adaptadas várias obras de literatura destinadas à leitura da criança, tendo tanto a intenção de transmitir lições de moral, bons costumes ou de didática, como também, com a finalidade de despertar a fantasia, a curiosidade e a imaginação da criança. Essa literatura foi ao encontro dos interesses das teorias educacionais que naquele momento, pretendiam atrair a atenção da criança, utilizando-se dos vários contos infantis – muitos deles adaptados, mas que foram se modificando através do tempo, sendo traduzidos em várias línguas, obtendo grande sucesso. Por isso transformaram-se em ‘contos maravilhosos’ ou ‘clássicos’ da literatura infantil.

Na Alemanha, os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786- 1859), também adaptaram uma coletânea de contos populares alemães, com o objetivo de valorizar esses contos folclóricos, entre eles: *Branca de Neve e Os Sete Anões; O Pássaro de Ouro; A Touca Mágica; Hansel e Gretel; Florinda e Florigel; O Gigante dos Cabelos de Ouro e Cinderela*. Em meados do século XIX, destacam-se os contos de Hans Christian Andersen, seus livros são considerados ‘clássicos’ da literatura infantil: *Os Cisnes Selvagens; O Burrinho Encantado; O Patinho Feio; A Gruta Encantada; A Festa das Lanternas; O Homem de Neve*; além de vários outros títulos. Lewis Carroll - Charles Lutwidge Dodgson, (1832-1898), inglês, publicou em 1865 – *Alice no País das Maravilhas*, obra inegavelmente admirada por crianças e adultos ao longo dos anos, haja vista, as várias adaptações para o teatro, cinema e outras formas de arte. De acordo com Cademartori,

“Lewis Carrol foi um inovador do conto infantil, criou histórias sem moralidade, abandonando o tom sentencioso comum às histórias do século XIX. À sua obra se pode dirigir muitas questões, ela suporta diversas leituras”.( 2007, p. 30).

Pode-se considerar que a obra de Carrol, rompe com a ideia pedagógica, com o convencional, nesse sentido a literatura infantil deixa de estar vinculada diretamente com o didatismo tradicional e passa a ser vista como arte.

Carlo Lorenzini, publicou em 1880 a obra *Pinóquio*, sendo considerado um grande clássico infantil. Nas últimas décadas do século XIX, as adaptações de Carlos Jansen, também são bem recebidas pelo público infantil. Em 1882, *As Mil e Uma Noites*; em 1885, *Robson Crusoe*; em 1888, *As Viagens de Gulliver*. Estas obras são resultado, da valorização da fantasia e da

imaginação construída a partir de textos da Antiguidade Clássica ou de narrativas orais trocadas entre os povos.

No Brasil, a transição entre a monarquia e a república, foi o período considerado inicial para a formação de uma literatura específica para as crianças, no entanto, priorizava-se o livro de leitura como base de memorização e de linguagem oral elevada. De acordo com Nelly Coelho (1997), foram criadas várias coleções de livros infantis que incluíam traduções e adaptações de narrativas da literatura infantil ocidental e portuguesa, entre elas: *Biblioteca Rosa Ilustrada (1872-1922)*; *Biblioteca Ilustrada de Instrução e Recreio (1873-1883)*; *Biblioteca de Educação Popular (1882-1883)*; *Biblioteca Azul (1898-1903)*; *Para Crianças (1897-1921)*; *Biblioteca das Crianças (1898-1910)*, entre outras, mas a autora chama atenção para a dupla finalidade destas coleções, ‘livros de recreio e livros de instrução’.

Entretanto, quando se questiona o surgimento da literatura infantil no Brasil, autoras e pesquisadoras como Cardemartori (2007) e Lajolo (1994), creditam a origem desta forma de arte à José Monteiro Lobato (1882-1948) ou melhor, consideram que a verdadeira literatura infantil brasileira surgiu com Lobato, através de personagens criados por ele como: Narizinho, Pedrinho, Emília, Dona Benta, Tia Nastácia, entre outros.

“A literatura infantil brasileira inicia sob a égide de um dos nossos mais destacados intelectuais: Monteiro Lobato. Se isso, por um lado, prestigiou o gênero no seu surgimento, por outro, fez com que, após Lobato, por muito tempo, a literatura infantil brasileira vivesse à sombra de seu nome. A obra do criador do Sítio do Picapau Amarelo, ambiente rural que abriga suas personagens, se dimensiona a partir de sua interação com o grupo social ou, mais explicitamente, sua atuação como agente formador e modificador da percepção do público.” (Cademartori, 2007, p.43)

Para Monteiro Lobato, o contato da criança com o texto literário desde a mais tenra idade desperta a imaginação e cativa-a para a experiência leitora, como também, a introdução da criança pequena no mundo literário, possibilitará que ela tenha mais facilidade em desenvolver interesse pelos livros. De acordo com Lígia Cademartori (2007),

“Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista” (p.51)

Iniciado o século XX, a literatura infantil passa por uma enorme expansão, no exato momento em que amplia-se o olhar sobre a criança. Como também foi dada neste período, uma grande prioridade por parte das teorias educacionais, às pesquisas e aos estudos sobre o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e afetivo da criança. Surgindo assim, uma nova filosofia de educação, idealizada pelo educador John Dewey (1859-1962). Dewey acreditava que a interação, a troca de idéias, sentimentos e experiências levam o processo educativo ao sucesso.

O movimento brasileiro da Escola Nova foi influenciado pela filosofia de John Dewey, que propunha a integração da aprendizagem escolar com as experiências sociais. O introdutor desses pressupostos de Dewey foi Anísio Teixeira. É neste contexto que os livros de literatura infantil tornam-se valorizados como recurso pedagógico, porque boa parte dessa produção literária passa a ser escrita de acordo com os objetivos e idéias pedagógicas vigentes. Pretendeu-se inculcar nas crianças bons exemplos de como viver em sociedade. Com narrativas e personagens interessantes, as histórias procuravam agradar sem dar a idéia de estar transmitindo ensinamentos, e ao mesmo tempo despertando a imaginação e a criatividade.

O dramaturgo e novelista escocês James Math Barrie (1860-1937), em 1907, escreve o grande sucesso *Peter Pan e Wendy*. Esse conto obteve várias traduções, sendo no Brasil, traduzido por Monteiro Lobato.

No que se refere a área educacional, em 1907, Maria Montessori (1870-1952), médica italiana, preocupava-se com a criação de uma “pedagogia científica”. As diretrizes metodológicas de Montessori, estão baseadas na importância da escola ativa; na visão de que a criança interage com o meio; na noção de autocontrole; na progressão; no respeito pelos outros; na modificação e adaptação do mobiliário e na utilização de materiais específicos que visam promover o aprendizado sensorial, na vida prática, na linguagem e na matemática.

Pouco depois, Ovídio Decroly (1871-1932). Desenvolve-se a teoria de educação baseada no cultivo da liberdade e nos interesses da criança. Decroly destacava o caráter global da atividade infantil e preocupou-se com a globalização do ensino – processo que integra toda a aprendizagem em certas unidades de experiência infantil. Estas unidades eram os centros de interesse da criança, que seriam: a criança e a família; a criança e a escola; a criança e o mundo animal, vegetal; a criança e o mundo geográfico e o universo.

Esses centros deveriam ser determinados pelas necessidades da criança, orientados de acordo com os interesses, o desenvolvimento e a curiosidade infantil.

Quanto a literatura infantil, sua produção continuou aumentando tendo como objetivo o entretenimento e os ensinamentos baseados na educação vigente. Os estudos e as pesquisas sobre o mundo infantil ampliam-se na área da Pedagogia e da Psicologia Infantil que tem como grande pesquisador Jean Piaget (1896-1980), cientista suíço, criador da Epistemologia Genética – campo de investigação do desenvolvimento natural da criança. Pesquisou de modo experimental as hipóteses sobre a construção do conhecimento ao longo do processo do desenvolvimento humano, que de acordo com seus estudos, resulta de combinações entre o que o organismo traz e as circunstâncias oferecidas pelo meio, essa interação se dá através da organização interna e a adaptação ao meio. O objetivo da epistemologia genética é saber em que condições se desenvolve a inteligência. A obra de Piaget é fonte de conhecimentos importantes como as idéias sobre os estágios de desenvolvimento da inteligência da criança. Seu interesse centrava-se em como a criança aprende, como o conhecimento progride dos aspectos mais inferiores aos mais complexos e rigorosos. (Revista Viver Mente & Cérebro)

A partir desses pressupostos a literatura infantil também foi influenciada pelas novas descobertas e os livros começaram a serem aperfeiçoados de acordo com cada fase do desenvolvimento infantil.

Entre as décadas de 30 e 40, no Brasil, dar-se a expansão da rede escolar e o incremento do livro didático como fator educador e nacionalista. Também nesse período, surge o antagonismo entre realidade e fantasia apresentados nos livros, por isso priorizou-se a informação em detrimento dos contos de fadas. Já na década de 40, a literatura apresentada na forma de gibis, lançou os super-heróis importados. Na década de 50, com o advento das novas linguagens tecnológicas como o rádio, o cinema e a televisão, a linguagem literária passa por uma crise estendida até finais dos anos 60. Quanto às reformas educacionais, continuaram a priorizar o didatismo na literatura infantil com a utilização de cartilhas ou enciclopédia ilustrada, deixando o maravilhoso e o lúdico das narrativas em segundo plano. (Coelho, 1991)

No entanto, a partir da década de 70 inicia-se a transformação dos textos e da utilização dos livros destinados ao público infantil brasileiro, a literatura infantil é redescoberta. A área educacional elege o livro como fator importante ao desenvolvimento intelectual e cultural da criança. Segundo Cademartori (2007), programas culturais de incentivo à leitura são estimulados, pela iniciativa privada e pelo Estado. Os textos dogmáticos cederam lugar aos textos questionadores, abertos a inúmeras possibilidades de leitura. O livro literário ganhou textos e ilustrações mais atraentes, conseguindo assim, concorrer com os meios de comunicação de massa.

A partir daí, vislumbrou-se um movimento renovador dos textos literários para o leitor infantil, as narrativas de ficção científica, aventuras e temas relacionados ao cotidiano, substituíram os textos de princípio moral ou histórico, ocorrendo um aumento considerável dos escritores e das editoras interessados na publicação deste tipo de produção cultural. Porém, essa expansão foi influenciada de forma fundamental pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, reformulada pela Lei 5.692/1971, ao decretar o ensino da língua nacional por meio de textos literários.

São inúmeros os autores deste século, que ficaram célebres ao criar textos infantis. Podemos citar alguns: Ruth Machado Louzada Rocha (1931). Autora de literatura infantil e juvenil. Sua estréia em livro ocorre em 1976, com *Palavras, Muitas Palavras*, poesia infantil - o primeiro entre os mais de cento e quarenta títulos publicados. Seu livro mais conhecido, *Marcelo, Marmelo, Martelo*, tem mais de um milhão de cópias vendidas e sua obra está traduzida em mais de vinte e cinco idiomas. Fanny Abramovich (1940). Escritora de literatura infantil e juvenil. Estréia na literatura infantil e juvenil em 1986, com *Deixa Isso pra Lá e Vamos Brincar*, que é reformulado dez anos depois, ganhando novo título: *Brincando de Antigamente*. Ziraldo Alves Pinto (1932), cartunista consagrado que a partir de 1979 passa a dedicar-se a criar histórias para crianças. Seu primeiro título publicado é *O Planeta Lilás*, em 1980 lança seu grande sucesso *Menino Maluquinho*, obra adaptada para o teatro, cinema, televisão e outras linguagens. Em 2003, lança a Coleção ABZ do Ziraldo, coleção esta, composta pelos exemplares antes separados, onde cada um deles aborda um grafema distinto. À época, Ziraldo comentou que sua intenção com estes livros era a de escrever uma literatura realmente para criança. Outra autora brasileira consagrada é Ana Maria Machado (1941), recebeu no ano de 2001 o prêmio Machado de Assis, considerado o principal prêmio literário nacional concedido pela Academia Brasileira de Letras, a mesma Academia da qual em 29 de agosto de 2003, torna-se membro. Entre suas obras para crianças estão: *Abrindo Caminhos; Alguns Medos e seus Segredos; A Galinha que criava um Ratinho; Gente Bem Diferente; Bisa Bia; História Meio ao Contrário; Menina Bonita do Laço de Fita*.

A escritora Lygia Bojunga, foi premiada em 1982, com a medalha Hans Christian Andersen, prêmio concedido pela mais importante instituição de literatura infantil mundial, a International Board on Books for Young People. Recentemente inaugurou a Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga. É autora do livro infantil *A Bolsa Amarela*.

Eva Furnari, escritora e ilustradora italiana, nasceu em 1948 e chegou ao Brasil no início da década de 50. A partir de 1980, começou a produzir obras infantis, tendo mais de 50 livros publicados no Brasil e em países da América Latina. Ao longo de sua carreira recebeu prêmios



como: O Jabuti, em 1991, por melhor ilustração e outros diversos prêmios da FNLIJ. Algumas de suas obras: *A Bruxinha Atrapalhada*; *A Bruxinha e o Godofredo*; *A Bruxinha e Frederico*; *O Problema de Clóvis*.

Além de surgirem inúmeros escritores, ilustradores e editores, neste período é significativo o aumento em alguns estados brasileiros, de pesquisadores e instituições interessados no estudo e na promoção da leitura e da literatura infantil em seus aspectos literários, sociológicos, psicanalíticos e educacionais. Assunto que será tratado mais adiante. Na virada do século XX para o século XXI, a sociedade volta a passar por grandes transformações, principalmente com a globalização e os avanços das novas tecnologias, onde boa parte da população começa a ter acesso a computadores, celulares etc., e essa nova ordem social chega à escola, mesmo que este movimento seja mais lento, porém, impulsionada pelas necessidades da sociedade, ela acompanha essas transformações passando a se preocupar com a inclusão social, com a diversidade, com a formação de alunos críticos e reflexivos. Aliada a todas essas demandas, a literatura destinada à criança também ampliou seus horizontes, desempenhando importante função social ao apresentar textos significantes, baseados na realidade vivenciada pela sociedade, onde questões sociais, econômicas, culturais, ecológicas, entre outras, são tratadas, de forma a levar à reflexão.

No entanto, esses temas não fogem da ludicidade, porque continuam a estimular a curiosidade, a criatividade e a despertar emoções. Nos primeiros anos do século XXI, a literatura infantil é valorizada como formadora de consciência da vida social e cultural, e além dos livros que abordam os temas acima mencionados, percebe-se que as antigas histórias infantis e os contos de fada continuam a fazer parte do cotidiano infantil. Em movimento de ajustes sutis e constantes, a literatura gera comportamentos, sentimentos e atitudes, por isso atua na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário. O movimento da literatura contemporânea onde se destacam nomes como de Mariana Massarani e Graça Lima ilustradoras de livros infantis; de Roger Mello autor e ilustrador, várias vezes premiado; Tiago de Melo Andrade, recebedor do prêmio Jabuti em 2001 na categoria de autor revelação com a obra *A Caixa Preta*; e Guto Lins projetista editorial. As histórias hoje possibilitam à criança questionar e refletir sobre sua realidade, ajudam-na a despertar para os valores éticos, estéticos e a solidariedade. Nesse sentido, ressaltam-se também os textos literários que trabalham as emoções, retratando o amor, o bem e o mal, os medos, as dificuldades de ser criança, entre outros temas. Entre uma gama de títulos, estão: *A Fada que Tinha Idéias* de Fernanda Lopes de Almeida, com ilustrações de Edu; *Exercícios de Ser Criança* de Manoel de Barros, com bordados de Antônia

Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Savia Dumont sobre desenhos de Demóstenes; *De Não em Não* de Bartolomeu Campos de Queiróz, com ilustraoes de Gloria Campos e Paulo Bernardo Vaz. Entretanto, na coletânea formadora da literatura infantil continuam ainda os contos de fadas, indiscutivelmente um tipo de narrativa especial por sobreviver ao tempo e as inúmeras adaptaoes, porém, que a essência do encantamento não se transforma.

## 2 – A CRIANÇA E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE INFÂNCIA

Quando se pensa em Literatura Infantil, imediatamente o pensamento se volta para o seu leitor, ou seja, seu destinatário: a criança.

Nas últimas décadas as pesquisas e estudos das questões referentes à criança e a infância, como também as concepções que se tem delas, aumentaram significativamente. As discussões acontecem tanto no meio acadêmico quanto na sociedade como um todo.

Atualmente, muitos são os pesquisadores e estudiosos que têm como foco investigativo as questões relacionadas aos diversos campos ou áreas do desenvolvimento infantil a partir de variadas perspectivas – históricas, sociológicas, psicológicas, antropológicas e culturais, educacionais, interculturais, entre outras, ou seja, estudos epistemológicos.

Nessa perspectiva, verifica-se ao se estudar o mundo da criança e buscar uma concepção de infância, será necessário contextualizar a época, a classe social, o lugar; o momento histórico, político e econômico, levando-se em consideração a realidade em que esteja inserida determinada criança.

De acordo com os estudiosos Sarmiento & Pinto,

“[...]‘ser criança` varia entre sociedades, culturas e comunidades, pode variar no interior da fratria de uma mesma família e varia de acordo com a estratificação social. Do mesmo modo, varia com a duração histórica e com a definição institucional da infância dominante em cada época.” ( 1997, p. 17)

Um dos precursores dos estudos sobre a infância, foi o historiador francês Philippe Ariès, que possibilitou o conhecimento da história social de parte das crianças européias da época medieval e da pré-modernidade. Para Manoel J. Sarmiento,

“Independentemente da crítica historiográfica a que a obra de Ariès tem sido submetida, há no entanto, um conjunto de aspectos pelos quais ela é considerada como uma referência incontornável, a ponto de, de alguma maneira, não apenas a História da infância, mas os estudos da infância, em geral, terem sofrido, a partir dela uma mudança de rumo significativa. (2007, p. 27)

Até o século XV, de acordo com Philippe Ariès, não havia um mundo infantil ou uma visão especial da infância, nesse período medieval, a criança convivia igualmente com os adultos participando de todas as atividades realizadas no seu meio. Mesmo com pouca idade trabalhava e

era pouco considerada; faltava-lhe o respeito e o afeto; era tratada por padrões adultos, como se assim o fosse, não havendo diferenciação nem mesmo nos trajes que usava.

Para o autor, a ausência da consciência da idéia de infância persistiu durante um longo período na História. Poucos foram os registros (diários, testamentos ou documentos funerários), sobre a vida infantil durante a Idade Média. Neste período, não havia estudos ou preocupação em compreender o desenvolvimento e as formas de aprendizagens da criança e suas necessidades, ou seja, a singularidade da criança não era respeitada ou levada em consideração.

Segundo os estudos de Philippe Ariès (1981), a alta taxa de mortalidade infantil, como também, a alta taxa de natalidade podem de alguma forma, ser um dos motivos do desinteresse da pessoa adulta por tudo que dizia respeito ao mundo infantil.

Porém, entre os séculos XVI e XVII, começam a surgir dois novos sentimentos sobre a infância, que abordam dois aspectos: o da “paparicação” e o da “moralização”. O primeiro sentimento chamado de “paparicação” – tem origem no seio da família. E o segundo “moralização”, originado no meio dos moralistas. Segundo Sônia Kramer,

[...] duas atitudes contraditórias que caracterizam o comportamento dos adultos até os dias de hoje: uma considera a criança ingênua, inocente e graciosa e é traduzida pela “paparicação” dos adultos; e a outra surge simultaneamente à primeira, mas se contrapõe a ela, tomando a criança como um ser imperfeito, que necessita da “moralização” e da educação feita pelo adulto. (2003, p. 18)

A partir deste momento, a criança antes negligenciada, passa a ser percebida, despertando no adulto uma nova maneira de tratá-la, e junto com estes novos sentimentos também aparece a preocupação com a sua higiene e saúde física. Entretanto, a concepção de infância não foi imediata.

“[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros.” (Zilberman, 1985, P.22).

Esta evolução, junto com o novo sentimento em relação à criança pequena, transforma até seus trajes. Neste momento, ela passa a trajar uma roupa apropriada específica para seu uso. Segundo Ariès, “Essa especialização do traje das crianças, e sobretudo dos meninos pequenos,

numa sociedade em que as formas exteriores e o traje tinham um importância muito grande, é uma prova da mudança ocorrida em relação às crianças[...]”.(Ariès, 1981, p. 157).

Gradativamente a criança vai ganhando espaço no meio social, porém, ela é vista como um ser inacabado que precisa de proteção e de disciplina.

A partir do século XVIII, aparece com a sociedade capitalista a nova idéia de infância. É quando mudam-se a inserção e o papel social da criança. Este conceito é determinado historicamente pelas transformações e a forma de organização da sociedade. Com o advento da revolução industrial, mudanças extraordinárias são verificadas na sociedade e conseqüentemente na relação com a criança, a qual começa a ser reconhecida como um ser com características próprias e dentro desse processo renovador, a criança é descoberta como um ser que precisava de cuidados específicos, a fim de desenvolver formação humanística, cívica, espiritual, ética e intelectual cuja educação formaria, no futuro, a personalidade ou caráter adulto. Aumenta o interesse a preocupação e os investimentos em pesquisas na tentativa de encontrar respostas acerca do desenvolvimento infantil. Manoel Jacinto Sarmiento, renomado estudioso português contemporâneo da área da infância, também argumenta que fatores importantes ocorridos na Idade Média e na pré-modernidade, como o surgimento do capitalismo e a criação da escola pública, desencadearam grandes transformações na maneira de pensar e agir da sociedade em relação à infância.

“Os séculos XVII e XVIII, que assistem a essas mudanças profundas na sociedade, constituem o período histórico em que a moderna idéia da infância se cristaliza definitivamente, assumindo um caráter distintivo e constituindo-se como referenciadora de um grupo humano que não se caracteriza pela imperfeição, incompletude ou miniaturização do adulto, mas por uma fase própria do desenvolvimento humano”.  
(SARMENTO, 2007, p. 28).

Para o autor, não existe uma única idéia de infância, porque as crianças se desenvolvem de forma diferente uma das outras de acordo com o contexto social e cultural em que estejam inseridas, vários são os fatores que influenciam a maneira de perceber a criança, como também de elaborar um conceito sobre a infância. O autor chama atenção para o aparente pouco interesse de se pesquisar os assuntos relativos a “realidade social das crianças”, dificultando o delinear de uma concepção de infância que considere a criança real, a qual está inserida nos mais diversos contextos sociais.

Segundo Postman,

“As crianças são as mensagens vivas que enviamos a um tempo que não veremos. Do ponto de vista biológico é inconcebível que uma cultura esqueça a sua necessidade de se reproduzir. Mas uma cultura pode existir sem uma idéia social de infância. Passado o primeiro ano de vida, a infância é um artefato social, não uma categoria biológica.” (1997, p. 11)

Nesta perspectiva podemos reconhecer que o universo infantil sofre alterações de acordo com a concepção vigente, no vestuário, na alimentação, nas brincadeiras, na linguagem, e na educação, e dependem do olhar adulto da sociedade, que também está em constante mudança.

Para Postman (1997), a idéia de infância surge na Renascença “Ao lado da ciência, do estado-nação e da liberdade de religião, a infância, como estrutura social e como condição psicológica, surgiu por volta do século dezesseis e chegou refinada e fortalecida aos nossos dias.” (p.12). Solidificando-se no período entre 1850 e 1950, pois foram feitas tentativas bem-sucedidas de atribuir um ambiente diferente para a criança, separado do mundo adulto. Durante este período inúmeras foram as etapas pelas quais a idéia de infância foi definida, sempre acompanhando as transformações ocorridas na sociedade e as especificidades infantis. No entanto, para Neil Postman, a partir das revoluções elétricas e gráficas além da invenção da televisão dá-se o início do “desaparecimento da infância”, nesse sentido o autor argumenta sobre o fato da mídia televisiva não fazer distinção entre criança e adulto, (todos recebem as mesmas informações sem segredos e mistérios), pode significar que a infância esteja desaparecendo rapidamente.

Manoel J. Sarmiento, faz uma crítica a esse pensamento,

“[...] esta concepção da morte da infância escamoteia a natureza activa das crianças – como sujeitos sociais que são, e não meros receptores passivos da cultura de massas - e obscurece o facto de que as crianças, nas complexas e adversas condições sociais da sua vida actual, vivem-na na especificidade da sua geração. Por isso e incorrecto falar em morte da infância, [...]”(2007, p.35)

Tendo como referência os estudos e as várias concepções formadas ao longo da História sobre a infância, os conceitos e imagens formados pelos adultos no que se refere às crianças, percebe-se o quanto precisamos estarmos atentos as transformações que ocorrem no mundo, e conseqüentemente, refletirmos sobre as influências que estas transformações acarretam no modo de ver e ser criança.

“Quem quer que se ocupe com a análise das concepções de infância que subjazem, que ao discurso comum quer à produção científica centrada no mundo infantil, rapidamente se dará conta de uma grande disparidade de posições. Uns valorizam aquilo que a criança já é e que a faz ser, de facto, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que

lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser. Uns insistem na importância da iniciação ao mundo adulto; outros defendem a necessidade da proteção face a esse mundo; uns encaram a criança como um agente dotado de competências e capacidades; outros realçam aquilo que ela carece. (Pinto; Sarmiento, 1997, P.33)

## **2.1 – Criança: produtora de cultura - uma ideia contemporânea**

Ao longo da história da humanidade, muitos estudiosos procuraram investigar e discutir concepções de infância. Porém as pesquisas que procuram entender a criança como um ser social, histórico, membro da sociedade e produtora de cultura, ainda são recentes, é uma ideia inovadora e contemporânea. As culturas infantis despertam o interesse de renomados pesquisadores: (Sarmiento e Pinto, 1997); (Sarmiento, 2007); (Kramer, org. 2004); (Corsaro, 2006). Nos últimos anos houve um aumento considerável nesse campo de estudos, visando entender o universo infantil.

Nessa perspectiva, surge a Sociologia da Infância, que procura abordar aspectos que favoreçam o entendimento sobre os modos de vida das crianças, suas competências no meio cultural e social, além da maneira como interagem com seus pares, com a natureza e a sociedade.

“A infância é, simultaneamente, uma categoria social, do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos activos, que interpretam e agem no mundo. Nessa acção estruturam e estabelecem padrões culturais. As culturas infantis constituem, com efeito, o mais importante aspecto na diferenciação da infância.” (Sarmiento, 2007, p. 36)

Longo foi o caminho percorrido através das pesquisas e dos estudos sobre a infância, para hoje, entendermos e reconhecemos as crianças como atores sociais - porque interagem com as pessoas, com as instituições, reagem frente aos adultos e desenvolvem estratégias de luta para participarem no mundo social e cultural. Se no passado ela era considerada passiva, vista como espectadora, hoje ela é, muitas das vezes, a protagonista, apropriando-se e dialogando com o meio a sua volta. Cresceu a visibilidade social, sobre tudo o que faz parte do seu universo. Nesse movimento de ajustes sutis e constantes, são produzidas culturas em diferentes linguagens; entre as inúmeras formas de produção de cultura está a literatura geradora de comportamentos, sentimentos e atitudes, por isso atua na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário, capaz de agregar cultura e erudição. O que constitui a literatura para crianças, é o acervo de livros que de tempos em tempos e de lugar em lugar, as crianças têm descoberto, têm preferido e incorporado ao seu universo. Nesse aspecto tanto as editoras quanto

os autores de livros para crianças, esforçam-se em conquistar sua atenção. Na realidade tendo qualidade literária textual ou não, o livro é um meio de produção cultural consumível, e portanto, disputa a preferência da criança com outros meios de produção. Segundo Ketzer, (2003, p.15), “[...] a criança pertencente a camadas socialmente privilegiadas traz consigo, com raras exceções, a marca do consumo [...].”

Nesta perspectiva, ela passa a ser vista como uma potencial consumidora. Será essa mais uma imagem da infância contemporânea? A criança consumidora.

Refletindo sobre esta questão, podemos lembrar a posição ocupada pelas crianças até pouco tempo, como um ser passivo, sem direitos, sem vez e voz, e hoje, pelo menos para uma boa parte delas, mesmo as das classes populares, já são reconhecidas como sujeitos interativos e ativos. No que se refere ao consumo, foram elevadas à consumidoras dotadas de vontades e opiniões próprias, sem esquecer que de alguma forma elas exercem certa influência sobre seus responsáveis na hora das compras.

Diante da grande onda de consumo de produtos, ditos na moda, destinados às crianças, tais como: alimentos, vestuários, brinquedos, produtos, eletrônicos, etc., Ketzer no que se refere à literatura, conclui com um alerta, ao sugerir que mesmo não ficando imune à poderosa malha consumista, a literatura poderá perder a concorrência para os outros meios culturais, devido ao rápido descarte e a substituição dos produtos adquiridos, impostos pelo modismo e as leis do mercado. No entanto, ela ratifica a idéia de tantos outros autores (Freire, 2008), (Lajolo, 2001), (Abramovich, 2004), que “A aproximação do texto literário como fonte capaz de viabilizar a compreensão do que se apresenta como difícil é preparar para a vida.” (Ketzer, 2003, p. 25,26)

A autora salienta a importância do papel do professor na tarefa de orientar a criança, favorecer o debate reflexivo à respeito do consumo exagerado, nas formas de manipulação do mercado publicitário e principalmente tarefa de valorizar a leitura em sala de aula.

Nesse sentido, deve-se levar em conta que sendo a criança um sujeito histórico, social e ativo, ao ouvir, ler, recontar e criar seus próprios textos orais ou escritos, ela apropria-se da cultura e também a produz, participando e fazendo parte das relações e interações sociais e culturais do seu meio. A criança tem uma forma peculiar de participar, de interagir, interpretar, resignificar e dialogar com seus pares e com o adulto, esse olhar diferenciado possibilita outras perspectivas e modos de apropriar-se da cultura contemporânea, que no entender do grande pesquisador e estudioso das culturas infantis Manoel Sarmiento, (2007) “A infância não vive a idade da não-infância: está aí presente nas múltiplas dimensões que a vida das crianças (na sua



heterogeneidade) continuamente preenche.” (p. 36). O autor observa a interpretação da criança sobre o modo de ver o mundo, concluindo que está se dá pela alteridade em relação ao adulto. E fazendo uma relação com o tema que nos interessa nesta pesquisa: infância e literatura, Sarmiento nos auxilia ao expor suas idéias sobre as culturas infantis ao revelar que seus estudos configuram as culturas infantis em quatro eixos, sendo um deles o “da transposição fantástica do real, da ligação entre imaginação e realidade, da ficcionalização, que é própria, por exemplo, da literatura, da poesia [...]”, mais uma vez, podemos constatar o ponto em comum do pensamento de vários estudiosos quando abordam a relação entre criança e literatura: sempre destacam os aspectos positivos que este tipo de produção pode proporcionar no desenvolvimento infantil, ao favorecer a resignificação, a exploração da imaginação e dos jogos simbólicos, e assim, auxiliá-las no entendimento do mundo real.

“A criança, por natureza, precisa crescer, cumprir seu ciclo vital e cultural. E para isso precisa de um *projeto de vida* em que se engaje e no qual aplique, de maneira dinâmica e harmoniosa com o todo, toda a potencialidade de suas energias vitais. Monteiro Lobato deu-lhe (e ainda lhe dá...) um *projeto cultural*, mostrando o valor essencial da Literatura e abrindo à sua frente o mundo maravilhoso da Cultura.” (Nelly Coelho, p.238, 1991).

### **3 – PROMOÇÃO E VALORIZAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA**

A partir das décadas finais do século XX até os dias atuais do século XXI, verifica-se quando se pesquisa o tema, o evidente aumento da produção e diversificação da produção literária infantil como também, cresce de forma acelerada a quantidade de projetos culturais, cujos objetivos principais, são as iniciativas da promoção à leitura e a formação do leitor. A consolidação dos textos destinados à leitura da criança, favorece o aumento da diversidade dos livros. Eles se tornaram altamente atraentes, coloridos e bem ilustrados.

Nessa perspectiva, amplia-se a relação da criança com o livro literário - uma produção cultural, considerada veículo de manifestação de cultura e de ideologias. Fator que colabora com a concepção de infância exposta por Sarmiento e Pinto (2007), no sentido da criança ser membro da sociedade e herdeira da cultura dos adultos, porém, sendo ela também produtora de cultura, e que por meio das práticas de leitura torna-se possível aprender, conhecer, imaginar, descobrir, ampliar e criar seu próprio olhar sobre o mundo, sobre o que o cerca e o seu papel na sociedade. Para alguns autores, quando não há essa interação do leitor com o texto literário, pode-se considerar que este texto não tem significado. E consideram muito importante as ações concretas no que se refere a formação do leitor, pois, o gosto pela leitura se dá efetivamente quando é oferecido um ambiente cultural rico de leituras.

Na contemporaneidade, com o crescimento da indústria editorial, o livro infantil também expande e inova, adquirindo qualidade de forma global. Aliado a esses fatores, foram criadas muitas instituições preocupadas com a qualidade dos livros infantis (narrativa, ilustração, ética, estética, plasticidade, etc.); seus autores; ilustradores e, sobretudo, com o incentivo à leitura e a formação do leitor, até mesmo com o resgate e valorização dos Clássicos Infantis, dos quais, foram citados alguns no início deste trabalho. Contudo, a valorização da Literatura Infantil, como formadora de consciência reflexiva e crítica no contexto educacional e cultural, é relativamente nova. A sociedade contemporânea de uma forma geral, procurou refletir e assim percebeu as funções e a importância da literatura no desenvolvimento da criança.

No que se refere ao triângulo: infância, literatura e educação, atualmente, esta relação se estreita, haja vista as novas concepções sobre como a criança aprende e se alfabetiza. Para vários educadores (Magda Soares, Regina Zilberman) a alfabetização vai além da codificação e decodificação da escrita. O chamado Letramento literário, do qual comenta Regina Zilberman,

“(…) o letramento literário se efetiva quando acontece o relacionamento entre o objeto material, o livro, e aquele universo ficcional, que se expressa por meio de gêneros específicos – a narrativa e a poesia, entre outros - a que o ser humano tem acesso graças à audição e à leitura.” (2006 – p. 3)

Para Zilberman, os escritores precisam produzir obras com qualidade estética, priorizando o imaginário e a narratividade, se pretendem incentivar a formação do leitor contumaz. Hoje tornou-se indiscutível a importância de iniciar ou aproximar a criança, mesmo aquelas que ainda não saibam ler, dos textos, dos livros, ou seja, do mundo letrado o qual possibilita que por meio do manuseio das páginas ilustradas, do ouvir e do recontar histórias, aumenta as chances de se desenvolver e formar comportamentos leitores. Como estão sendo desenvolvidas ações que favoreçam efetivamente o contato e a relação do leitor mirim com a literatura?

As instituições brasileiras privadas e públicas, nas últimas décadas, procuraram elaborar projetos e promover ações que multiplicam as possibilidades e potencializam as ações do incentivo à leitura, a renovação literária e a valorização do que é produzido para a infância, valoriza-se o universo infantil como um todo.

Um dos exemplos dessas instituições é a Fundação Nacional da Literatura Infanto-Juvenil – FNLIJ – pioneira em elaborar e por em prática projetos de estímulo à leitura, beneficiando crianças e jovens que não têm acesso a um acervo variado de livros de qualidade. Fundada em 23 de março de 1968, por Laura Sandroni, Ruth Vilela e Maria Luisa Barbosa. É uma Instituição não governamental, sendo seção brasileira do International Board on Books for Young People – YBBY – órgão consultivo da UNESCO, incentivador da publicação dos livros infantis em todo o mundo. Em 1991 a FNLIJ apresentou à Fundação Biblioteca Nacional; MincC a proposta para realização do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) que teve início em 1992. Promoção de Literatura na Televisão – desde 1996 participa na elaboração e apresentação de programas de divulgação da literatura para crianças e jovens na televisão brasileira (Multirio/TVEducativa/TVFutura). A referida instituição tem como princípio norteador, a aproximação da criança com o livro literário, e acabou de festejar 40 anos de fundação.

O Salão do Livro FNLIJ para Crianças e Jovens é um dos vários projetos promovidos pela instituição que ano após ano atrai mais visitantes e aproxima o público jovem e principalmente o infantil dos livros literários. O primeiro Salão foi criado em 1999, visando promover e incentivar a leitura literária; valorizar a produção brasileira de livros de qualidade para o setor, em particular, os livros literários seus autores, ilustradores e editores.

Segundo a escritora Ana Maria Machado,

“Um dos trabalhos mais interessantes da FNLIJ é o Salão do Livro, que completa 10 anos de sucesso entre crianças, pais, professores, editores e especialistas. Trata-se de um modelo que privilegia a palavra escrita de forma absoluta e tornou-se referência para outros eventos do gênero no Brasil. É um salão do livro infantil mesmo, onde tudo gira em torno do livro com qualidade literária e editorial. Não deve ter sido fácil aplicar um modelo desse tipo diante de tantas pressões comerciais e de espetáculo, mas a FNLIJ está de parabéns, porque conseguiu.” (mimeo, 2008)

O Salão do Livro para Crianças e Jovens é considerado o mais importante acontecimento literário brasileiro. Durante a realização do evento são discutidas questões sobre políticas públicas e ações não-governamentais nesta área.

A FNLIJ a partir de 1974, iniciou a premiação dos melhores livros brasileiros, através de análise criteriosa e uma avaliação crítica das obras literárias. Alguns desses concursos para promover livros de qualidade e os novos autores foram: o Concurso “Paz na Terra” – 1972, por ocasião do Ano Internacional do Livro; visava premiar texto e ilustração integrados, inéditos para o público infantil; também o Concurso Literário FNLIJ 30 Anos – organizado e coordenado pela Câmara Mineira do Livro com o objetivo de comemorar os 30 anos criação da FNLIJ. O concurso premiou textos inéditos de literatura infantil e juvenil produzidos no Brasil – 1998.

Entre os anos de 2002 e 2007, vários títulos escritos para os leitores infanto/juvenis foram premiados, dos textos infantis destacamos: *Abrindo Caminhos*, e *De Carta em Carta* - de Ana Maria Machado. *Murucututu a coruja grande da noite* – de Marcos Bagno. *Felpo Filva* de Eva Furnari. *O Menino e o Cachorro* – de Simone Bibian. *Poeminha de Bricar* – de Manoel de Barros e *O Jogo de amarelinha* de Graziela Bozano Hetzel.

Atualmente a Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil – FNLIJ, possui um dos maiores acervos de obras infantis e juvenis da América Latina. Tendo como uma das idealizadoras da entidade, Laura Constância Austregésilo de Athayde Sandroni, crítica literária e membro do Conselho Diretor da Fundação, desempenhando importante papel no desenvolvimento da literatura infantil no Brasil. O empenho e os esforços em mobilizar editoras, escolas, universidades, imprensa, enfim, vários setores da sociedade, obtiveram bons resultados. Laura Sandroni, participou da equipe criadora do projeto pioneiro “Ciranda de Livros” (1982 a 1985); projeto que distribuiu cerca de 60 livros de literatura para 30 mil escolas públicas da zona rural de todo o país, com apoio da Fundação Roberto Marinho (ela foi membro desta instituição por alguns anos) e da Hoeschtel, ganhando notoriedade internacional ao resgatar a literatura

infanto/juvenil e a promoção à leitura, recebendo em 1984 o Prêmio Internacional de Alfabetização, concedido pela Unesco.

“A *Ciranda de Livros* destacou-se por: seu pioneirismo na área da literatura infantil, representado e assumido, na época, pela sociedade civil, sendo um marco de democratização do acesso à leitura; Pelo ineditismo na compra expressiva de livros de literatura de alta qualidade e pela consequente divulgação da boa literatura infantil brasileira (...) (Laura Sandroni, 2002)

Nessa perspectiva, de incentivar à leitura, dar visibilidade a produção literária nacional, a referida escritora também participou dos projetos: Viagem da Leitura (1986 a 1987), outro projeto que distribuiu livros para bibliotecas públicas em todo o País – com o apoio do Instituto Nacional do Livro(MEC), Fundação Roberto Marinho e Ripasa Indústria de Papéis(Lei Sarney) e participou do Nossa Biblioteca (1989 a 1992). Dos livros escritos por Laura Sandroni destacamos: *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*; *A criança e o livro*; *Ao longo do caminho*; e *O século de um liberal*. Durante a pesquisa para a elaboração deste trabalho foi possível constatar os inúmeros projetos de incentivo à leitura e a valorização dos livros literários, seja por parte do governo ou da iniciativa privada, como já foi citado.

Ainda no âmbito das instituições privadas pode-se relacionar O Instituto C&A, que tem como ação de promoção à leitura, o Programa Prazer em Ler – criado em 2006, cujos objetivos almejam desenvolver projetos de leitura em diversos locais (Ongs, escolas bibliotecas, etc.); a divulgação da relevância da leitura integrada com agentes sociais que possam atuar e promover o incentivo à leitura; a formação de crianças e jovens leitores. As instituições privadas que promovem ações como as citadas, estão aumentando nas principais regiões brasileira.

No que se refere aos programas governamentais, União, Estados e Municípios, nas últimas décadas aumentaram de forma extraordinária as ações de estímulo à leitura, a formação do leitor, a criação de bibliotecas escolares e públicas distribuição de livros de literatura geral e principalmente a infantil e juvenil. O Governo Federal através do Ministério da Educação e Cultura colocou em prática inúmeras ações com o objetivo de intensificar e democratizar o acesso ao livro, a formação de mediadores para sua disseminação, o estímulo à leitura, e o tratamento da leitura como uma questão de política pública. Um dos programas mais antigos do governo federal de incentivo à leitura é o Proler - instituído em 13 de maio de 1992 pelo Decreto nº 519, vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, com objetivo de formar parcerias que juntos criem ações de incentivo e valorização da leitura. Em 2006, foi criado o Plano Nacional do Livro

e Leitura - PNLL - tendo como meta propiciar o aumento na qualidade da capacidade leitora do povo brasileiro. Este plano é formado por um conjunto de projetos, programas, atividades e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas, empreendidos pelo Estado (em âmbito federal, estadual e municipal) e pela sociedade. Todas as ações do PNLL são muito importantes para o incentivo e valorização da leitura, da literatura, do livro e toda a dinâmica que os envolvem.

O Plano centra-se em quatro eixos: a democratização do acesso, o fomento à leitura e à formação de leitores, a valorização da leitura e a comunicação e o desenvolvimento da cadeia produtiva do livro. A iniciativa pretende transformar a questão da leitura em política de Estado, de modo que as metas orientadas para a promoção da leitura transcendam o planejamento de governos, para se constituírem em um objetivo nacional. No Eixo 1- destacam-se: a implantação de novas bibliotecas municipais e escolares; a consolidação e fortalecimento do sistema nacional de bibliotecas públicas; distribuição de livros gratuitos. No Eixo 2 – destacam-se: o programa de capacitação de educadores, bibliotecários e outros mediadores de leitura; cursos de formação em literatura infanto-juvenil; projetos sociais de leitura; pesquisas e estudos para diagnosticar as questões relacionadas ao livro a leitura e a realidade das bibliotecas, das editoras, das livrarias e da venda do livro no Brasil. Já no Eixo 3, destacam-se: as ações para criar consciência sobre o valor social do livro e da leitura, com campanhas em todas os meios de comunicação; formulação de políticas nacional, estaduais e municipais. Fazendo parte do Eixo 4 – o fomento à distribuição, circulação e consumo de bens de leitura, programas de formação e apoio aos profissionais do setor livreiro; apoio aos escritores com concessão de prêmios e bolsas; programas de apoio a tradução, difusão e exportação de livros literários brasileiros e também de seus escritores.

O Plano se assenta em alguns pressupostos que foram amplamente discutidos no fórum sobre o tema. Os portadores de necessidades visuais, auditivas e motoras, são contemplados pelo Plano com livros e materiais de leitura, traduzidos ou com versões em Libras e em Braille. Nesta perspectiva a Literatura é considerada importante, haja vista, todas as contribuições proporcionadas por ela na formação do leitor, ao acesso ao conhecimento, à cultura possibilitando ampliar o olhar na direção da reflexão como também à imersão no sonho e na fantasia. (site Brasilquelê) Com referência as ações no âmbito municipal, (Secretaria Municipal de Educação do Município de Mesquita - RJ) podem-se destacar dois programas que visam favorecer a promoção da leitura, a valorização da literatura infantil e a formação do leitor, voltados para os alunos das escolas públicas municipais. O primeiro é o Concurso Alunos Contadores e Escritores de

História – Prêmio Bem-Te-Vi, o citado concurso compõe uma das ações do Projeto “Em Mesquita, Criança Faz Arte”, o objetivo é a formação do leitor e o incentivo à leitura por meio de contação de histórias de contos de fadas, de tradição oral ou contemporâneos e a produção textual dos alunos. Os participantes da Educação Infantil que ainda não escrevem convencionalmente, concorrem por meio de desenhos sequenciais representando um de conto de fadas narrado pelo professor. Os discentes do Ensino Fundamental apresentam suas produções na própria escola, passando por uma seleção, onde os selecionados são inscritos para participarem do Concurso. Os alunos do primeiro segmento participam por meio de uma contação de um conto de fadas ou realizando uma releitura a partir desse gênero textual. Os do segundo segmento são selecionados por meio de produção de textos de acordo com as categorias: fábulas, poemas, redações e histórias em quadrinhos.

O segundo programa integra o Eixo 2 do PNLL (fomento à leitura e à formação de mediadores), sendo relevante também na formação do leitor e a valorização da literatura, e chama-se *Tendas que Contam Histórias - A Pedagogia do Encantamento em Mesquita*. As tendas são itinerantes e temáticas e o objetivo principal é despertar nos alunos da Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental o prazer de ler, ouvir e contar histórias. Para que as atividades ocorram de forma lúdica e atraente, são confeccionados cenários e aventais cuja intenção é de reproduzir enredos, personagens e ilustrações dos livros. Os professores contadores de história também realizam com os alunos uma atividade de reflexão sobre o tema principal da história, neste momento as crianças interagem, fazem perguntas colocam suas visões e interpretações sobre o texto narrado. A partir das histórias ouvidas alguns deles passam a elaborar releituras das narrativas, exercitando o pensamento lógico e sequencial. Após o encontro, os professores contadores socializam com o professor da turma um material com sugestões de atividades para a continuidade do projeto em sala de aula. (GLAUCIA, monografia 2009)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é uma forma de arte relevante no processo de crescimento social e humano e por isso, tornou-se objeto desta pesquisa. Tendo em vista ser a literatura uma produção cultural, ela desempenha importante papel no processo de desenvolvimento do imaginário, do lúdico, da criatividade e da competência literária crítica e reflexiva da criança tanto no âmbito escolar quanto fora dele. A literatura infantil tradicional composta por narrativas de contos de fadas, poesias, fábulas, histórias encantadas ou maravilhosas, surgiu para atender as necessidades educacionais apresentadas pela sociedade, com o propósito de disciplinar, inculcar valores. No entanto, ao longo do tempo, esta literatura caminha e se desenvolve até a percepção de que é sim objeto de formação da criança, mas dentro de uma perspectiva que faz ela dialogar com o mundo, a cultura, a natureza conhecendo diferentes realidades e ampliando suas possibilidades de interpretação sobre o mundo. Nesse sentido a literatura destinada às crianças, desempenha sua função social ao ser facilitadora e desencadeadora de um postura reflexiva e crítica. Os inúmeros programas e projetos espalhados pelo país de incentivo à leitura, a valorização do livro, dos autores e ilustradores, o resgate dos “contos clássicos” seus autores e os contadores de história, favorecem o estreitamento da relação da criança com a literatura infantil mas sendo ainda a escola a maior detentora do tempo e do espaço onde ocorre está relação. Embora tenha destaque como estratégia pedagógica, nota-se que ela também passa por um admirável reconhecimento, sendo utilizada como um momento de prazer, de diversão, de liberação da imaginação, de brincadeiras. Tal reconhecimento é de grande importância pois coloca em cheque os pressupostos do que a escola considera como pedagógico.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- ARIÈS, P. *A História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano – São Paulo: Paz e Terra, 2007. 21ª edição revisada.
- BRASIL. Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil. Brasília – DF: 1998, vol. 3, p. 117-159
- CADEMARTORI, Lígia, *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2007. –(Coleção primeiros passos; 163)
- COELHO, Nelly N. *Panorama Histórico da Literatura Infante/Juvenil*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.
- KETZER, Solange Medina. (Org) *Produção Cultural: do brinquedo a literatura*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 2003.
- KRAMER, S. *A infância e sua singularidade*. In: *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp*, \_\_\_\_\_ In. POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo, Ática, 1984.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PIILETTI, Claudino e PILETTI, Nelson. *História da Educação*. SP: 7 ed. Ática, 1997.
- In: PINTO, Manoel, SARMENTO, Manoel Jacinto. (Coord.) *As Crianças: contextos e identidades*. Coleção infans – Centro de estudos da criança. Universidade do Moimho. 1997
- PIAGET, Jean – *Revista Viver Mente & Cérebro*. Coleção Memória da Pedagogia.
- SALEM, Nazira. *História da literatura infantil*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- SARMENTO, M. Jacinto. *Revista criança do professor infantil*. Brasília – DF. Dez. 2007.
- VASCONCELOS, Vera M. Ramos d.; SARMENTO Manuel J.; *Infância (in)visível* organizadores – Araraquara – SP: Junqueira & Marin, 2007.

[WWW.fnlij.org.br/principal.asp?cod\\_mat=16&con=menu=150](http://WWW.fnlij.org.br/principal.asp?cod_mat=16&con=menu=150)  
acesso em: 03/04/09

[WWW.brasilquele.com.br/texto\\_ler.php?id=3974&seção=20-28k](http://WWW.brasilquele.com.br/texto_ler.php?id=3974&seção=20-28k) - Agência de Notícias – acesso em: 17/04/09

[WWW.vivaleitura.com.br/pnl2/noticias.asp](http://WWW.vivaleitura.com.br/pnl2/noticias.asp) - 16k  
acesso em: 10/05/09

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1985.